

DOM CASMURRO COMEÇOU NA IMPrensa POR JOSÉ DIAS

Letícia Malard*

RESUMO

O periódico **República** de 15/11/1896 estampou “Um agregado” (capítulo de um livro inédito) – redação primitiva dos capítulos III, IV e V de **Dom Casmurro**. Ao contrário de outros romances do autor, que foram publicados na íntegra, em periódicos, e sofreram modificações, profundas em alguns casos, para publicação em livro, esse é o único pré-texto do **Dom Casmurro**, ao que se sabe até agora. Sua importância não está tanto no fato do que e do como foi aproveitado nos mencionados capítulos, mas naquilo que foi totalmente descartado. Uma comparação entre textos e pré-texto tentará revelar: a) mudanças de rumo que Machado quis imprimir em sua obra-prima – já iniciada ou até mesmo concluída naquele ano; b) traços multiculturais motivadores das alterações efetuadas; c) reengenharia da língua literária.

Aos 15 de novembro de 1896, no número 1 do periódico **República**, Rio de Janeiro, Machado de Assis publicava o texto “Um agregado”, acrescentando, entre parênteses: “Capítulo de um livro inédito” (Assis, 1969, p. 251). A publicação corresponde – com muitas modificações, cortes e acréscimos – a trechos dos capítulos III, VII, III, IV, V, III, IV, nessa ordem, do **Dom Casmurro**, ou seja: partes dos capítulos “A denúncia”, “D. Glória”, “Um dever amaríssimo” e “O agregado” propriamente dito. Quase todos os romances de Machado antes foram publicados na íntegra em revistas ou jornais, por capítulos. Excetuam-se o primeiro, **Ressurreição**, o **Esaú e Jacó** e o último, **Memorial de Aires**. **Quincas Borba**, por exemplo, teve duas versões integrais, com profundas alterações.

Dom Casmurro é *sui generis* sob esses aspectos, pois, até onde se tem conhecimento, dele saiu na imprensa apenas o tal Capítulo. E mais: foi o único romance cujo ineditismo o escritor trouxe a público. E mais ainda: a publicação – a que não tivemos acesso direto – se deu num veículo que foi criado para comemorar o sétimo aniversário da república e que teve o primeiro número na mesma data. O escritor já

* Universidade Federal de Minas Gerais.

fora acusado de monarquista, mas o processo caiu no vazio. A publicação seria um revide concreto? Foi feita a pedido de algum amigo? Qualquer que seja o motivo, esse Capítulo constitui verdadeira preciosidade para se especular sobre várias questões relativas ao romance, bem como para compreender o processo de produção textual do escritor em seu mais famoso livro.

Segundo seu biógrafo Luiz Viana Filho, ele era excessivamente discreto quanto aos escritos em fase de elaboração, de publicação e até mesmo depois desta. Citando trecho de carta então inédita a Magalhães de Azeredo, o biógrafo se admira de Machado aí se referir a um romance em que trabalhava, já tendo-lhe dado e eliminado três títulos. Para Viana, esse romance é **Dom Casmurro** (Viana Filho, 1965, p. 146-147). A correspondência publicada, exceto a da Garnier, é parcimoniosa quanto ao assunto. Em carta de agradecimento pela remessa do romance, o amigo Joaquim Nabuco declara que “já [o] tinha sorvido na fonte”, em referência a sua leitura na editora em Paris, quando estava sendo composto (Assis, 1944, p. 52; Aranha, 1942, p. 23). Graça Aranha também o lera ali. Ainda que Nabuco e Aranha fossem seus amigos, não se sabe como Machado reagiu diante da indiscrição do editor. (Sousa, 1955, p. 667)

Já que não existem dados concretos sobre a época de feitura do romance, a informação passada no Capítulo do periódico, isto é, “livro inédito”, pode ser lida em pelo menos dois caminhos: ou o romance já tinha uma primeira versão em 1896, vinda não se sabe de quando, ou estava sendo elaborado. E mais: o Capítulo poderia ser um conto inacabado, que vinha de longe, o embrião do romance, se se der crédito à informação de Mário de Alencar, outro grande amigo do autor, em carta a José Veríssimo (1908): “Conjuro que o primeiro plano do **Dom Casmurro**, foi fazê-lo conto; o desenvolvimento em romance teria vindo com a composição do trabalho. Esse foi talvez o processo de todos os romances de Machado” (Viana Filho, 1965, p. 146). Sem dados concretos, repito, mas tão somente intuitivos, opto pelo primeiro caminho, ou seja: já haveria uma versão do romance em 1896. Porquê? não só pela presença da expressão machadiana “livro inédito”, mas pela reengenharia “artística”, digamos assim, entre “Um agregado” e **Dom Casmurro**. Se não, vejamos:

Excetuando-se a apresentação da casa do Bentinho criança, algumas alterações factuais são de menor interesse. Em “Um agregado”, o enredo começa em dezembro de 1855, e a casa fica na Rua do Resende. No romance, o começo é em novembro de 1857, e a moradia se localiza na Rua de Matacavalos. A apresentação da casa foi deslocada para o capítulo II, intitulado “Do livro”, e se configura bem mais detalhada. No capítulo do jornal, “é um grande prédio de sete janelas, vasto saguão, extensa chácara ao fundo. Era mui bem pintada e algumas salas a fresco, – alguns tetos lavrados” (Assis, 1969, p. 251). Essa última frase me soa mal no escritor maduro. A única coincidência entre a descrição do jornal e a do romance é os “tetos lavrados”. Isso comprova que o capítulo II ainda não existia àquela altura, pois o autor não iria

apresentar duas vezes a mesma casa.

O detalhamento dela, muito bem elaborado, não só no trabalho com a linguagem mas também na pintura e decoração do teto, serve para justificar a ação inútil de “atar as duas pontas da vida”, inútil porque o nosso interior, diz Bentinho, “não agüenta tinta”. Assim, o deslocamento da casa para o capítulo intitulado “Do livro” pode indiciar que o romance ainda não tinha título definitivo, pois é a partir dos hábitos do protagonista nesse *habitat* que lhe advém a alcunha de “Dom Casmurro”, explicada no capítulo I, denominado “Do título”. Da mesma forma, também este capítulo parece ser posterior a “Um agregado”.

As outras diferenças são: no jornal, o sobrenome do Pádua é Fialho; no romance, a aproximação das famílias Pádua e Santiago se deve a uma enchente em que a primeira perdeu muita coisa. No jornal, a amizade veio de um favor que D. Glória, a mãe de Bentinho, prestou à de Capitu. Mesmo tendo avançado a narrativa em dois anos no romance, Machado envelheceu Capitu apenas em alguns meses e manteve a mesma idade para D. Glória.

Quanto às modificações materiais de estruturação da narrativa, remeto à edição do romance elaborada pela Comissão Machado de Assis, Instituto Nacional do Livro, 1969, que traz em Apêndice “Um agregado”, com indicações daquilo que foi aproveitado e em qual dos capítulos mencionados. O caminho inverso, ou seja, o das alterações e acréscimos, não foi percorrido, deixando-se o cotejo por conta do leitor. Vejamos a seguir como e com quais objetivos Machado aperfeiçoa aspectos de sua escrita literária.

O ENXUGAMENTO REENGENHOSO DO TEXTO

Tão logo descreve D. Glória em “Um agregado”, o escritor nos brinda com uma longa página sobre costumes da *vida externa* do Rio de Janeiro na década de 1850, rica em enumeração quase caótica das atividades multiculturais da burguesia, que foi totalmente suprimida no romance: bailes, teatros, óperas, artistas, salões, cassinos, associações musicais, música popular, corridas de cavalos, festas religiosas, influência européia, modernização dos veículos. Ora, esse tipo de discurso, presente na crônica machadiana, é inusual nos romances, até mesmo nos da primeira fase. Ousaria afirmar que essa página – formando par com a descrição sumária da casa – parece muito mais antiga do que se pensa, até mesmo de uma época anterior à do Machado ficcionista, quando escrevia, traduzia ou criticava peças teatrais de costumes, fazia poemas e crônicas e ainda não tinha o domínio genial da expressão literária. Na advertência de **Ressurreição** (1872), declarou: “Não quis fazer romance de costumes; tentei o esboço de uma situação e o contraste de dous caracteres; com esses simples elementos busquei o interesse do livro”. (Assis, 1988, p. 54)

Entretanto, o enxugamento vai muito além dessa página de costumes. José Dias, de personagem tagarela e maledicente, que avalia *a priori* as personagens mais importantes de “Um agregado”, é significativamente calado pelo autor no romance. Aí ele é reduzido a simples conselheiro de D. Glória, no sentido de mandar o filho para o seminário o quanto antes, por perceber o namoro dele com a vizinha. E, na passagem do jornal para o livro, é exatamente naquilo que ele cala que se percebe como Machado modificou a fundo a história que tinha concebido para aquele que se tornou o mais famoso romance da literatura brasileira. Modificou, quer dizer: o que já se clareava *de per si* no início, foi apagado, deixando-se mal imprimidas pegadas aqui e ali, para que o leitor descobrisse o passante e, assim, desvendasse um dos mistérios que dá grande encanto à narrativa: a questão do adultério.

A QUESTÃO DO ADULTÉRIO

Nós, especialistas em literatura, temos de enfrentar uma questão real e importante para os leitores leigos, mesmo os cultíssimos. Pouco nos adianta dizer que a discussão de se Capitu traiu ou não é menor e não dá conta da grandeza e grandiosidade do romance, das situações artísticas e sociais que ele suscita. Para esse tipo de leitor, a realidade ficcional é importante. Haja vista o recente julgamento da protagonista, promovido pela **Folha de S. Paulo**, acusada por um dos maiores advogados do país e julgada por nada menos do que um juiz do Supremo Tribunal Federal, ambos leitores contumazes. Ora, sob esse aspecto, creio que “Um agregado” não deixa dúvidas sobre a traição. As dúvidas foram colocadas por Machado na versão definitiva, como parte do enxugamento do texto.

José Dias tem a pior avaliação sobre o Pádua, homem pobre e pai de Capitu, interessado, segundo Dias, em ter a filha casada com um homem rico. Foi suprimido do romance o seguinte trecho:

Pudera! [O Tartaruga] quer realmente subir; casa rica, casa respeitável, onde é que ele achará genro igual, nem que de longe se aproxime? [...] não se pode admitir que a idéia de semelhante enlace entre na cabeça de homem tão reles, tão ínfimo... Provoca, realmente, uma estrondosa gargalhada.

José Dias riu-se neste ponto, talvez um tanto forçado; logo depois concluiu:

– Não obstante, encontram-se ambições dessas. (Assis, 1969, p. 253)

Se Machado tivesse mantido o trecho, estaria dando todas as deusas para que o leitor, logo no início do romance e inserido no contexto novecentista da hereditariedade, igualasse a filha ao pai e previsse o adultério. Tal pai, tal filha: se ele é “reles e ínfimo”, ela também o é.

Entretanto, o elemento mais significativo que foi suprimido no romance é

exatamente a avaliação que José Dias faz da Capitu de treze anos e de seu pai, dirigindo-se a D. Glória e ao tio Cosme: “V. Exa. e o digno Sr. coronel estão de boa fé. Conheço o pai da pequena; é um velhaco. *A filha não é menos velhaca, apesar de desmiolada*. Enfim, cumpro um dever amargo, um dever amaríssimo” (Assis, 1969, p. 253). Assim, o cumprimento do “dever amaríssimo” se compõe de três informações: o desejo do pai “reles e ínfimo” de ver a filha pobre casada com o rico Bentinho; o namoro dos dois, podendo frustrar os planos de D. Glória de pô-lo no seminário; tanto o pai quanto a filha serem velhacos. Essa última informação, se mantida no livro, transformaria José Dias numa espécie de oráculo que antecipa os futuros acontecimentos já na sua abertura. Ele seria a única personagem a avaliar Capitu de modo negativo, antes dos sucessos que o confirmaram.

No romance, o agregado lhe adjetiva metonimicamente pelos olhos – “de cigana oblíqua e dissimulada” (cap. XXV).¹ As acepções que o Aulete registra em “velhaco” são todas elas de caráter negativo: enganador, falaz, fraudulento, traiçoeiro; que pratica ações ruins, patife, maroto; brejeiro, devasso, libertino; tratante com finura, finório. Já o mesmo não acontece com “cigano”. A positividade aparece no sentido literal: nome de um povo nômade, astuto, que tem um código de ética próprio, que se dedica à música, ao artesanato, e a ler a sorte (sempre prevendo o bem). Acrescente-se que as jovens, no geral belas e sedutoras dançarinas, não necessariamente se voltam para o mal. Por outro lado, entre os sentidos figurados de “cigano”, há os adjetivos “trapaceiro” e “velhaco”.

Assim, o mestre Machado, ao subtrair de Capitu o literal “velhaca” (enganadora, traiçoeira) e manter o “desmiolada” (sem juízo), acrescentando-lhe o metafórico/metonímico adjetivado “cigana”, apaga a pista segura da traição prevista por um personagem e reforça o mistério da traição. No capítulo C, onde o namoro se torna público com o narrador já bacharel, o reforço se reveste de sabor irônico. Aí José Dias traça um ângulo de 180 graus: desmancha-se numa cachoeira de elogios à moça, espadanando água por grande parte do capítulo. Essa guinada inverte a avaliação sobre o Pádua, anula a função oracular do amante dos superlativos e desmerece o papel da hereditariedade na literatura e na ciência do século XIX:

Aquela intimidade de vizinhos tinha de acabar nisto, que é verdadeiramente uma bênção do céu, porque ela é um anjo, é um anjíssimo... Perdoe a cincada, Bentinho, foi um modo de acentuar a perfeição daquela moça. Cuidei o contrário, outrora; confundi os modos de criança com expressões de caráter, e não vi que essa menina travessa e já de olhos pensativos era a flor caprichosa de um fruto sadio e doce... (Assis, 1969, p. 197)

Observe que, por um passe de mágica, a menina “velhaca” e “desmiolada” se transforma em “anjíssimo”, em “flor caprichosa de um fruto sadio e doce”; esse

¹ Sobre os olhos de Capitu, ver o ensaio de Wilton Cardoso referenciado no final deste trabalho.

fruto é o pai, antes também “velhaco, reles e ínfimo”, como vimos. A falta de juízo ou a maluquice metafórica é tomada como “travessura”. Os olhos de cigana, com as conotações referidas, se modificam em “pensativos”. Ora, de tudo isso se conclui que, na primeira versão do enredo, Capitu se configura como uma mocinha sem juízo e traidora em potencial, na fala de uma personagem importante na narrativa. Essa fala foi suprimida na versão definitiva. Então, ousaria afirmar que a intenção primitiva de Machado foi confirmar o adultério, sem sombra de dúvida. Posteriormente, preferiu confirmá-lo apenas no discurso do narrador, envolvendo-o num mistério polêmico a talvez perdurar para sempre e frustrar aqueles leitores preocupados com a questão.

ABSTRACT

In the newspaper *República* (1896) Machado de Assis published the text entitled “Um agregado”, referred to as “one chapter of a new book” by Machado himself. This text contains passages of four chapters of the novel *Dom Casmurro*. On comparing these passages with the corresponding passages of the definitive version of the novel, it is possible to find not only important changings and suppressions, but also to affirm that by suppressing some words and expressions in the definitive version, Machado de Assis first depicted Capitu as an unfaithful woman in the vision of an important character of the novel, and, in the final version, preferred to leave the question only to the vision of the narrator.

Referências bibliográficas

- ARANHA, Graça. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco: comentários e notas à correspondência entre estes dois escritores*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1942.
- ASSIS, Machado de. *Correspondência*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1944.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1969.
- ASSIS, Machado de. *Ressurreição*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Garnier, 1988.
- CARDOSO, Wilton. Os olhos de Capitu. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 186-209, out./nov./dez. 1947.
- SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1955.
- VIANA FILHO, Luiz. *A vida de Machado de Assis*. São Paulo: Martins, 1965.